

Núcleo da agência antidroga americana ajudou a montar falso negócio de droga com terroristas

# PORTUGAL NA ROTA DE ARMADILHA A ALMIRANTE DA GUINÉ-BISSAU

**Carlos Varela**  
carlos.varela@jn.pt

**A operação americana que culminou na prisão do ex-contralmirante guineense Na Tchuto, por narcoterrorismo, foi desenvolvida a partir de Portugal, onde a DEA possui um núcleo especializado em África.**

**J**osé Américo Bubo Na Tchuto, antigo chefe de Estado-Maior da Armada da Guiné-Bissau e classificado pelos EUA como “barão da droga” ligado a grupos terroristas, foi detido numa operação da DEA (Drug Enforcement Agency) em abril último. Esta agência de combate ao tráfico de drogas tem uma delegação em Lisboa que faz parte, desde 2011, de uma força regional – juntamente com a de Paris e outras cinco instaladas em países africanos.

O narcoterrorismo em África é uma das suas principais missões e neste caso, para além de receberem a cocaína, os militares guineenses comprometiam-se a fornecer armamento cujo destino seria as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Mísseis antiaéreos e metralhadoras AK47 (Kalashnikov) seriam encomendadas pela tropa guineense, como se fossem para seu uso, e entregues às FARC a troco de subornos de milhões de dólares, segun-

do a justiça norte-americana. António Indjai, o comandante das Forças Armadas guineenses, também já foi formalmente acusado pelos mesmos factos, mas permanece em liberdade.

As referências a Portugal surgem na acusação contra Na Tchuto, do Ministério Público de Nova Iorque e num comunicado emitido pela DEA, que atribui um papel crucial aos seus operacionais instalados em Lisboa e na capital da Colômbia, Bogotá.

Diz a acusação que Na Tchuto e um outro detido, Tchamy Yala, encontraram-se, em outubro de 2012, com um agente infiltrado da DEA na Guiné-Bissau, suposto membro das FARC, para combinarem a receção de toneladas de cocaína a serem escondidas naquele país, à guarda do antigo contra-almirante.

Os guineenses aceitaram que “após o primeiro descarregamento de cocaína (...) metade da cocaína seria enviada para os Estados Unidos e a outra para Portugal”, conforme lhes foi proposto. No negócio, Na Tchuto terá pedido uma comissão de “um milhão de dólares por cada tonelada de co-

caína recebida”. E num outro encontro, em novembro, o antigo contra-almirante “ofereceu a companhia [de navegação] de que era proprietário para transportar a cocaína para fora da Guiné-Bissau”.

A introdução de Portugal como destino da droga teve a ver, explicam polícias portuguesas, com a tentativa de incutir “confiança” a Na Tchuto e de “dar credibilidade” ao esquema. Para além de um ocasional correio, detido nos aeroportos com pequenas quantidades de drogas, não são conhecidas em Portugal grandes apreensões de estupefacientes relacionadas com a Guiné.

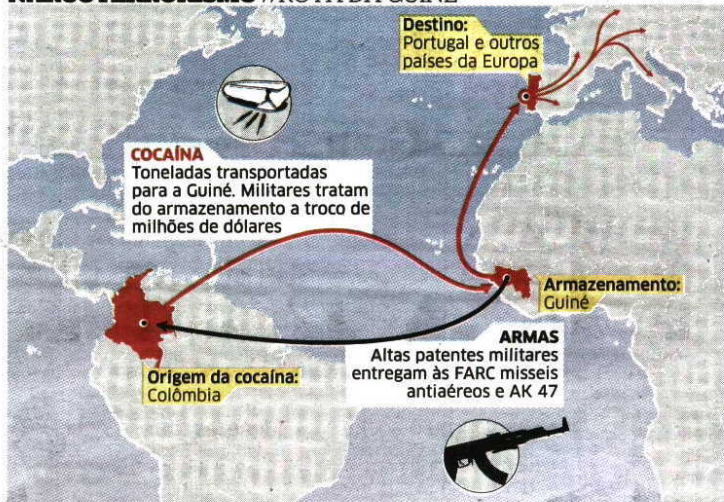
Se bem que “há muito vêm surgindo informações” relativas à atividade do contra-almirante guineense e de outros militares daquele país no tráfico, Na Tchuto e os outros detidos não estão referenciados em qualquer processo em Portugal, nem foram objeto de investigação. Por isso, em princípio, encariariam Portugal como uma zona segura. A estratégia resultou em pleno e Na Tchuto acabou por ser detido no início de abril, numa embarcação, ao largo de Cabo Verde por forças especiais americanas. Mais quatro africanos foram presos. Ao mesmo tempo, dois colombianos que participaram no negócio foram detidos no seu país de origem. A operação ainda não foi dada por concluída. ●

**“METADE DA COCAÍNA SERIA ENVIADA PARA OS EUA, A OUTRA METADE PARA PORTUGAL”**



**General António Indjai** está acusado de narcoterrorismo e na lista dos EUA de indivíduos a deter

## NARCOTERRORISMO // ROTA DA GUINÉ



# Ligações entre traficantes e Al Qaeda agravam receios

Tráfico de droga, dinheiro, organizações terroristas e armas. A combinação é explosiva.

**Carlos Varela**  
carlos.varela@jn.pt

AS LIGAÇÕES entre o tráfico de droga e o terrorismo, na África Ocidental, onde se situa a Guiné-Bissau, é das questões que mais preocupam as autoridades internacionais.

Os receios vêm expostos num relatório das Nações Unidas, publicado já este ano, e elaborado pelo departamento para o tráfico de droga e o crime organizado (UNODOC, United Nations on Drugs and Crime). O relatório, designado "Criminalidade Transnacional Organizada na África Ocidental", salienta que a "corrup-

APREENSÃO  
**17 mil**  
mísseis antiaéreos sumiram dos arsenais de Kadafi. Podem ter caído nas redes de tráfico ou terroristas.



ção relacionada com a cocaína claramente deteriorou a governação em lugares como a Guiné-Bissau. É particularmente preocupante a possibilidade de o tráfico na região estar a proporcionar receitas a grupos armados, em particular a várias forças rebeldes no Sahel e ao grupo terrorista Al Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI)".

Terá sido esta uma das principais razões que levaram os norte-americanos a uma ação tão radical contra os militares guineenses. Já em 2009 a DEA tinha detido no Gana três elementos da AQMI (ou AQIM, em inglês - Al Qaeda in the Islamic Magreb). Os suspeitos estariam envolvidos numa operação-armadilha para escoltarem, sob pagamento de falsos traficantes, um transporte de cocaína da Colômbia para a Europa e

que iria transitar por África. As operações militares que os franceses desencadearam no Mali, em fevereiro e março, visavam também a AQMI, e tiveram como resultado o facto de a França estar agora a ser ameaçada com ataques terroristas como retaliação.

A este cenário junta-se o destino incerto de cerca de 17 mil mísseis antiaéreos portáteis (MANPADS) que faziam parte dos arsenais de Kadafi e que desapareceram da Líbia, salienta o relatório da UNODOC.

O receio é que estas armas possam chegar a terroristas e venham a ser usados, por exemplo, em atentados contra aviões civis. Desde 1975 já morreram mais de 800 pessoas vítimas das quedas de aviões civis, atingidos por MANPADS, segundo dados de 2011 do Departamento de Estado norte-americano. cv.



FLASH

**“Um sinal a quem está envolvido no tráfico”**

**Silvia Roque** Investigadora da Universidade de Coimbra, mestre em Estudos Africanos e autora de publicações sobre a Guiné, incluindo sobre o tráfico de drogas.

**Como viu estas detenções?**

Foi um sinal positivo. Para muita gente na Guiné-Bissau foi um alívio ver que alguns dos culpados iria ser julgado. Mas os problemas não se resumem ao tráfico. Há uma longa história de assassinatos políticos. A operação foi um sinal às chefias militares e a quem está envolvido no tráfico de que não podem agir com impunidade, como até agora. **As ligações dos detidos eram conhecidas?**

Sim, há muito tempo. Não havia provas, mas havia um certo consenso relativamente ao envolvimento no tráfico, em particular Na Tchuto. **A repressão ao tráfico é solução para o país?**

Não. Mesmo que haja mais duas ou três detenções isso não vai resolver todos os problemas. É preciso a comunidade internacional entender-se. **Qual a relação entre os militares e os políticos?**

Os políticos estão reféns de uma ala militar. E o Governo não tem condições para fazer muito, porque foram cortados os apoios internacionais. **Há evolução do fundamentalismo na Guiné e ligações a grupos terroristas?**

Nunca houve problemas de fundamentalismo islâmico, e ligações ao terrorismo podem surgir da parte de alguns indivíduos, mas como oportunistas financeiros. **Oportunismo financeiro?**

São ganhos que podem surgir com tráfico de armas ou droga. As consequências são negativas, mas não têm razões ideológicas e não me parece que haja risco de alastramento.

**“Não se pode culpar os americanos e os europeus por agirem”**



MARINHA DE GUERRA PORTUGUESA

A força aeronaval esteve estacionada em Cabo Verde

**Força portuguesa esteve prestes a entrar na Guiné-Bissau**

UMA FORÇA militar portuguesa esteve prestes a intervir na Guiné-Bissau, no ano passado, aquando do golpe de Estado naquele país. A força, composta por três navios da Armada, dois aviões da Força Aérea e fuzileiros, foi acionada em abril para resgatar portugueses, no caso de a situação política se agravar, como justificou, então, o Ministério da Defesa português.

O destacamento acabou por regressar ao nosso país,

mas a situação tensa entre Portugal e o Governo de transição da Guiné-Bissau manteve-se, reflexo das críticas da comunidade internacional, numa altura em que já se falava abertamente do tráfico de droga.

Em dezembro, Bissau retaliou e impediu a rotação dos elementos do Grupo de Operações Especiais da PSP que fazem a segurança à Embaixada. A situação só foi desbloqueada um mês depois. cv.

**RAMOS HORTA**, o representante especial da ONU para a Guiné-Bissau, avisou o Governo de transição da Guiné-Bissau de que os americanos podem voltar a fazer mais detenções, estendendo o risco de intervenção também à Europa, no contexto das ligações ao tráfico de droga e crime organizado. Em entrevista, este mês, à Rádio ONU, Ramos Horta salientou que o "tráfico de droga é um problema sério", e quando se vê os "cartéis de droga infiltrando instituições e criando ins-

tabilidade, seja nos EUA ou na Europa, não se pode culpar os americanos ou os europeus por agirem". E comparando com o caso das intervenções contra a Al Qaeda, Ramos Horta deixou o aviso: "Mais tarde ou



Ramos Horta

**GRUPOS SOB SUSPEITA**

**AQMI Magreb**

Al Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI) assume-se como uma estrutura ligada à Al Qaeda e tem praticado vários raptos e sequestros, com pedidos de resgate, de ocidentais. É-lhes atribuída a escolta, no Sahel, aos carregamentos de droga que vão da África Ocidental para o Magrebe. O seu crescimento conduziu à operação militar francesa no Mali, em fevereiro e março.

**FARC Colômbia**

As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) surgem classificadas como organização terrorista nas listas respetivas dos EUA e da União Europeia. O fim da Guerra Fria conduziu as FARC a procurar financiamento com os raptos e o tráfico de droga, em particular para a compra de armas.



CRIME ORGANIZADO A PARTIR DA GUINÉ-BISSAU // P. 2

# Portugal foi armadilha para barões da droga